

***Insultai-mes!... Sim!...é com a ponta da espada que eu hei de repelir esta
afrota!:* duelo e representação da honra na sociedade sul-rio-grandense em *O
Corsário, 1849, de Caldre e Fião***

JOSÉ MARTINHO RODRIGUES REMEDI*

Desde que Lawrence Stone nos finais da década de 1970 trouxe a público seu polêmico texto sobre o retorno da narrativa (STONE, 1979, p.3-24), no qual entre outras coisas, apontava algumas tendências da escrita da história, principalmente, a sua proximidade – uma quase igualdade formal – com estilos literários de narração, o debate entre historiadores com relação à literatura parece ter estagnado em um impasse metodológico que parece oferecer somente duas saídas: a primeira, que busca ver a literatura como fonte para a escrita da história, principalmente a partir da ruptura da dicotomia entre fato e ficção oferecida pela epistemologia da história cultural (CHARTIER, 1998, p.255-264; CHARTIER, 1990); e, a segunda, que procura na narratividade literária uma forma de expressão discursiva, cujas “oposições ontológicas e epistemológicas conduzem a determinadas posturas ideológicas e também especificamente políticas” (VILLAVICENCIO, 2007, p.85).

Se a primeira opção tem, como é apontado pelos críticos, dificuldades em compreender os aspectos comunicativos da literatura, em particular as práticas derivadas da leitura; a segunda encara a literatura somente como a protocolos linguísticos, sem considerar as delimitações sociais, temporal e geograficamente construídas, que regem a produção de qualquer tipo de conhecimento (CHARTIER, 1988, p.257).

A proposta aqui apresentada entende como possível trabalhos de pesquisa histórica voltados à percepção da realidade “através” de obras literárias – ou seja, que

* Professor do Departamento de História e Geografia da Universidade de Santa Cruz do Sul/ UNISC e do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Caxias do Sul/ UCS. Doutor em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. E.Mail: remedi@unisc.br.

buscam na literatura formas de estruturação discursiva de processos sociais historicamente construídos. Acredita-se que as narrativas literárias podem e devem ser consideradas fontes para a realização de estudos hermenêuticos, sem necessariamente se prender ao debate linguístico por si só. Trata-se de uma análise histórica que busca incluir os tropos literários em processos culturais mais amplos.

Assim que a literatura, sob a ótica da história cultural, é uma representação social que nos ajuda a compreender como se dão as competições e concorrências estabelecidas na construção e legitimação das diferentes concepções de mundo em cada sociedade¹. Como diz Chartier,

as representações do mundo social são construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, pelas determinações dos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Por isso a investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social. Muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER, 1990, pág. 17-18).

Ainda, segundo Chartier, a história cultural tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, dada a ler:

uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e apreciação do real. Variáveis consoantes as classes sociais ou os meios intelectuais são

¹ Ver mais sobre o conceito de representação social em BOURDIEU, 1996; BOURDIEU, 1981; CHARTIER, 1990; CHARTIER, 1991; GINZBURG, 1993; GINZBURG, 2001; HARTOG, 1999; PESAVENTO, 1998; e, PESAVENTO, 1999.

produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço decifrado (CHARTIER, 1990, p. 17).

Podemos, portanto, pensar em uma história cultural que tome por objeto a compreensão das *representações* do mundo social pelos indivíduos que o vêem, da maneira como o fazem.

Caldre e Fião

Ao trabalhar-se na fronteira entre história e literatura, já nos adverte Sevcenko, é necessário dar atenção especial ao escritor, já que este é a ligação com o tempo social vivido, “o ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor” (SEVCENKO, 1995, p. 246.).

Este desafio é aumentado no caso de Caldre e Fião, nosso romancista ainda não teve uma biografia à altura de sua atuação cultural no Rio Grande do Sul. Lamentamos concordar com Guilhermino Cesar, Carlos Reverbel e Flávio Loureiro Chaves (CESAR, 1979, p. 5-32; REVERBEL, 1992, p. 237-259; CHAVES, 1992, p. 237-259), as fontes até o momento levantadas são escassas e incompletas.

O que podemos afirmar é que a origem social de Caldre e Fião, urbana e humilde, não possibilita enquadrá-lo no perfil social reservado nem com a burguesia incipiente nem às elites de proprietários rurais, os detentores de poder econômico e militar na província do Rio Grande do Sul. José Antonio do Vale Caldre e Fião, que nasceu em Porto Alegre em 15 de outubro de 1821. Foi professor antes do exercício da medicina, tornou-se escritor e jornalista, além de político.

Nas notas biográficas da mais recente edição de *A Divina Pastora*, nas quais Carlos Reverbel (1992, p. 237-259) apresenta José Antonio do Vale, ainda sem o apodo que acrescentaria ao nome mais tarde – Caldre e Fião –, era órfão de pai. E, aos 13 anos de idade, em 1834, teria começado a trabalhar numa farmácia de Porto Alegre. Em 1837, aos 16 anos, requereu e foi admitido como “auxiliar de botica da Santa Casa de

Misericórdia de Porto Alegre”. (**Livros de Atas da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre** apud REVERBEL, 1992: 237).

Para suprimos as lacunas da biografia de Caldre e Fião temos que, novamente nos socorrer do narrador de *A Divina Pastora*, é ele que nos informa a data e os meios da primeira viagem de jovem para a capital do Império,

Desembarcando na vila de São José do Norte no dia 5 de março de 1843, quando me dirigia, pela primeira vez, de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, um homem me apareceu e me perguntou se eu era um tal Valle que compunha poesias. Ri-me com a singularidade da pergunta e respondi-lhe afirmativamente (CALDRE E FIÃO, 1992: 104).

Além de ir buscar a sua formação no Rio de Janeiro, ao que parece o ambiente cultural e social de Porto Alegre já não comportavam as ambições do jovem escritor, em mais uma intromissão do autor/ narrador, temos uma confissão magoada de Caldre e Fião,

Os covardes chamam – *honra* – a essa ação que se conforma com algumas ideias que tendem à sua conservação individual e aos cômodos da vida. Toda a ação que pede uma privação de cômodos individuais, um sacrifício de vida, um heroísmo, não está para eles, circunscrita nos *limites da honra*; é-lhes mesmo representada como uma loucura. Quando eu abandonei minha fortuna inteira, meu estabelecimento de muitos anos, minha família, minhas antigas relações de amizade que me garantiram uma paz de vida inalterável, que eram para mim uma égide onde se quebravam todas essas pequenas intrigas, e me retirei ao centro da vida literária do Brasil, à capital do Império, eu tive disto uma lição amarga. Os covardes não puderam descobrir o motivo desta minha ação, não compreenderam; embalde eu lhes gritei: – a *honra* é que me dirige. Permaneceram ignorantes, não quiseram aprender de mim como se traçava o círculo de *uma verdadeira honra*. Mas voltemos ao curso da nossa narração (CALDRE E FIÃO, 1992: 73. Grifos nossos.).

Caldre e Fião, estudou de medicina, foi professor de liceu, literato e jornalista abolicionista, lutou para se estabelecer no circuito intelectual da Corte Imperial e, fruto disso, acabou por engajar-se em militância de vida inteira pela construção de um ideal de país e nação. Tinha entre suas preocupações divulgar uma imagem positiva da sua província natal para o mundo letrado da Corte. Assim que publicou dois romances

ambientados nas plagas sulinas. Isso enquanto também exercia o magistério em escola particular do Rio de Janeiro, frequentava as aulas da Faculdade de Medicina, era redator de *O Philantropo* e escrevia livros acadêmicos. De fato, era uma forte guinada na vida de quem tinha deixado a profissão de boticário que exercia em uma provinciana Porto Alegre – troca motivada, acredita-se, menos por razões políticas do que pelo objetivo de formar-se médico –, agora estava em plena conquista de seu *status* de homem honrado.

Uma vez estabelecido na nova cidade, entrou para a escola de Medicina e dedicou-se aos estudos da homeopatia. Frequentou os círculos culturais e as associações literárias. Era um projeto social penoso e difícil, através somente da sua atuação intelectual, como estudante, literato, jornalista e militante, construir a digna imagem de um sujeito honrado, e, logo, merecedor do reconhecimento e benesses sociais. A escrita, seja na imprensa ou na literatura, será sempre o seu grande instrumento de luta e afirmação social. A sua honorabilidade será construída como fruto da conquista de espaços na imprensa e no círculo dos literatos. Para conquistar seu lugar de honra, não poupou esforços, escreveu prodigiosamente. Caldre e Fião apostou fortemente na literatura e, em 1847, publicava *A divina Pastora*, inscrevendo-se entre os primeiros romancistas do país (CALDRE E FIÃO, 1992; 1ª edição, Typographia Brasiliense, Rio de Janeiro, 1847).

O romance seguinte de Caldre e Fião, *O Corsário – Romance Rio-grandense*, tem muita semelhança estrutural com o primeiro *A Divina Pastora*, publicado em folhetim no jornal **O Americano**, do Rio de Janeiro, durante o ano de 1849. Terá sua primeira edição em livro no ano de 1851 (CALDRE E FIÃO, 1979; 1ª edição, Rio de Janeiro: Typographia Philantrópica, 1851), também no Rio de Janeiro, e será novamente publicado em folhetim no jornal **O Pelotense**, em Pelotas – RS, em 1852. É um recorte deste romance que analisaremos.

Um duelo em *O Corsário*

Em *O Corsário* toda a ação gira em torno da caça ao vilão Vanzini, o desonrado corsário que luta a soldo a quem melhor pagar e tem como mau hábito “roubar” a honra das donzelas. Tem em seu encalço desde a Itália, o nobre Giacopo, e em terras sulinas logo após tentar enganar Maria, a heroína, para roubar-lhe a honra, angariou como inimigos vários sul-rio-grandenses, o primo da moça Manuel da Cunha e seus amigos; posteriormente juntou-se a eles o herói, João Martinho, o monarca das coxilhas, o protótipo de homem honrado do pampa sulino.

Após muitas idas e vindas na caça ao fugidio Vanzini, após localizar o seu paradeiro, os amigos orquestram um plano para enfrentar e assassinar o desonesto sujeito. Fazem um juramento,

- Amanhã, continuou o primeiro, ou o sangue de um assassino há de circular em nossos copos da mesma maneira que este licor, ou as nossas espadas hão de ser quebradas contra as lajes da calçada da rua (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 89).

Durante os preparativos para o atentado, “um estrondo se ouviu na porta, e dois homens se precipitaram na sala.”

- Martinho!!...gritaram todos espantados.

- Giacopo, disse Martinho depois de pequena pausa, temos mais um amigo. Eu já soube de tudo: Matias foi protegido pelo Capitão José Gomes e pelo Coronel Bento Gonçalves. Acha-se hoje talvez em sua casa, e Vanzini está preso...

- Preso!! Gritaram os três ao mesmo tempo. O assassino está preso?!... (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 89).

Aqui além de vermos a presença de personagens históricos, o que é corriqueiro na narrativa de Caldre e Fião, temos que os planos de enfrentar Vanzini ficam impossibilitados pela prisão do assassino infame. Mas além disso, o personagem Martinho, o monarca das coxilhas, questiona a honradez do plano. Para ele só é justa a luta entre homens iguais e livres. Vai além e defende a necessidade de libertarem o

mediante Vanzini. No que tem sucesso, consegue a libertação de Vanzini, quando a notícia chega a casa em que esta o grupo de inimigos do corsário, eis o que se dá,

- Vem trazer-me uma notícia horrível, mas que para mim já não é notícia, porque eu a sabia. – Meus companheiros, continuou ele levantando-se e procurando a espada; eia! Corramos, e o primeiro que o encontrar, que lhe enterre sua espada até os copos... no coração; é necessário que morra o homem que tem causado tantas infelicidades, tantos dissabores e tantos pesares a todas as nossas famílias! Talvez cem vítimas tenham caído mortas debaixo do cutelo, e talvez perto de cem famílias tenham perdido objetos caros nas garras desse perverso!...nem uma só demora corramos!!!....

E ele se atirou furioso pela porta fora, levando a espada desembainhada. Giacopo o seguiu calado, mas apressado (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 89).

Quando já estavam de partida, são interrompidos por um dos companheiros de vingança,

- Esperai! amigos, exclamou Ansão, ainda me não compreendestes, eu não vos tenho dito tudo!

- O que é? Perguntou Giacopo voltando-se para Ansão e lançando uma mão ao braço direito de Martinho.

- Vanzini aqui virá ter. Eu o enganei para atrai-lo à vossas mãos: ele supôs que fosse eu quem o salvou, e prometeu buscar-me aqui mesmo, onde eu lhe disse que morava.

Martinho voltou-se com passo firme, e parando defronte de Ansão, lançou-lhe um olhar de tigre:

- Não sois leal como me tínheis afirmado! Enganar Vanzini!...Oh! isso é indigno de um homem de honra. Um engano, uma fraude não cabe ao peito do guerreiro. Se Vanzini aqui vier, será salvo, porque é assim que procedem os homens que não temem combater frente a frente; que se horrorizam da traição nefanda (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 89).

O monarca das coxilhas, o honrado combatente, não admitia o uso de estratégias e mentiras para enfrentar um inimigo. Para ele o combate teria de ser franco e leal, senão não tinha validade. Se o caso era impedir a fuga de Vanzini, isso também não importava, pois aquele que foge, ou simplesmente pensa em fugir ao combate já perdeu sua honra (PITT-RIVERS, 1988. p. 18). A discussão se alonga com

partidários do ataque honroso de um lado e do uso do estratagema de outro. Martinho vence a discussão, e pressionados pelo jovem Manoelzinho prometem não haver mais derramamento de sangue, conforme a narração,

- Bravo, bravo! exclamou Manoelzinho: assim seja, meus amigos; a resolução é a melhor de todas. Não se há de derramar sangue.

- Sim, eu prometo por minha alma, por minha palavra de honra, que não hei de derramar sangue; mas os meus rivais hão de ser esmagados um a um debaixo dos meus pés!! Os meus rivais hão de ser vencidos, ou então eu perecerei na luta, e basta o meu sangue para o sacrifício do meu amor.

- Amor!... disse Manoelzinho consigo; que palavra tão doce!... como soa bem aos meus ouvidos!...Oh Maria!... seu eu pudesse ter por ti este sentimento, se pudesse manifestar-to, quanto não seria feliz!... (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 89).

Caldre e Fião coloca um valor que considera maior que a vingança, e que sim deve guiar a honra, o amor, como fiel da situação de crise entre os amigos. A situação parecia resolvida, Martinho tinha negociado a libertação de Vanzini, que havia prometido ir ao seu encontro para resolver as questões de honra. Mas o corsário, tão logo se viu livre da cadeia, evadiu-se e deixou uma carta em que mentindo, acusava Martinho de lhe extorquir em troca de sua libertação. A carta é entregue aos amigos de Martinho e companheiros de luta. Temendo não ser compreendido, Martinho ainda tenta impedir a leitura da carta, como se segue,

Ansão lançou um olhar explicativo para Pedrinho, acenou-lhe entregou-lhe a carta. Pedrinho leu-a também assombrado:

“Os vossos covardes amigos tentaram em vão roubar-me e mesmo assassinar-me; eu escapei felizmente ás suas infames artimanhas; os cavalos me esperam; eu breve me afastarei desta cidade. Se vós e esses assassinos me perseguirem, juro por minha alma, que vos farei pagar caro os vossos trabalhos. As relações que vou estabelecer com as autoridades do vosso país me habilitarão a prevenir todas as vossas argúcias. Martinho há de tarde arrepende-se, e Giacompo chorar amargamente a loucura de ter abandonado a sua pátria para procurar vingança em terras onde eu posso mais do que ele Vanzini.

- Oh deus! Cruel certeza! Tornou a exclamar Martinho ainda mais empalidecido; pelo céu não mostreis esta carta a Giacopo, Sr. Ansão; perdoai-me!... errei em não seguir os vossos conselhos... mas estou arrependido!!... (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

Apesar de estar arrependido de não ter seguido as orientações de Giacopo, o nobre italiano que perseguia Vanzini a mais tempo e que havia garantido que ele não era um homem honrado, que não cumpriria nenhum acordo, Marinho ainda tem uma surpresa maior. O italiano Giacopo, que se dizia conhecedor de todas as artimanhas de Vanzini, acaba por acreditar na mentirosa carta,

- O dinheiro, exclamou Giacopo vindo do interior, foi o dinheiro, Martinho, quem vos cegou. Quebrastes o vosso juramento como quebraria o mais vil covarde!... A vossa ambição deixou passar a ocasião única, talvez a única que pudesse oferecer-nos uma cena risonha de vingança! Uma cena como a que aparece ao meu coração nas horas em que me lembro da terrível ação praticada por esse vil monstro, por esse homem abjeto, que veio ao mundo para enlodá-lo, e para sepultá-lo nas trevas dos demônios, para escurecer o sol da virtude, que já na terra era tão escasso, (...) (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

Frente à uma acusação tão grave a resposta sai com violência, a honra foi ofendida, precisa ser recomposta, não há outra solução, será necessário o confronto, o duelo, siga a resposta de Martinho,

- Insultai-mes!... exclamou Martinho levantando-se; o dinheiro cegou-me tanto a mim como vos cegaria a vós, se amásseis como eu amo. A minha ambição?! Ah! Eu nunca tive ambição!... Repilo esta afronta última com a ponta da minha espada se for necessário!... Sim!... é com a ponta da espada que eu hei de repelir esta afronta!! – Giacopo, continuou ele, a vingança que quereis vai ser satisfeita! Haveis hoje de derramar sangue!... mas não há de ser o sangue de Vanzini, há de ser o meu!... o meu unicamente!... oh raiva!! As nossas armas estão preparadas. Como me toca a mim o escolhê-las... a espada!! (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

A honra fora atingida por um insulto, é o elemento deflagrador dos ataques à honra masculina, só é possível repará-la com um pedido de desculpas, e ele tem que ser sincero, pois se não parecer sincero agrava mais a ofensa. O que piorava a situação é

que os insultos estavam sendo ditos na presença de testemunhas, a honra só é atacada verdadeiramente, quando a ofensa é pública. Como o caso se encaminhava para a resolução violenta, o combate, o ofendido, como rezavam os manuais de duelo, tinha a prerrogativa da escolha das armas. Martinho escolheu a espada. Mas os amigos tentam contemporizar, com pedidos e ameaças,

- Oh!... nunca! Exclamou Manoelzinho saltando aos ombros de Martinho; nunca!! Vós nunca vos batereis.

- Oh céus!...disse Pedrinho, meu Deus! – Meus amigos. Guardai as vossas armas! Eu vos prometo empenhar-me em saciar-vos, em saciar a vossa raiva hoje no monstro que nos traz tantas aflições, que nos tem causado tantas perturbações na vida (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

O combate que se travará é entre amigos, mas homens de verdadeira honra não podem ter seus valores e a sua honorabilidade colocada em dúvida em público. Mesmo que este público sejam também amigos do mesmo círculo de convivência, é, na verdade, em função disso que a ofensa é mais grave ela, foi enunciada frente aos seus amigos íntimos, como recuperar sua *status* de homem de honra sem o confronto.

- O conflito era inevitável; os desafios estavam encarniçados; e nem as rogativas nem as ameaças, tinham podido contê-los.

Martinho e Giacopo caminharam para a Praça do Palácio, atravessaram-na, e chegando por trás da casa da Assembleia Provincial, desembainharam as espadas e começaram o combate.

Ansão, deixando Manoelzinho e Pedrinho entregues a uma veemente consternação, dirigiu-se à casa do chefe de polícia, resolutivo a prevenir os desastres que ele previa (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

Estas informações nos dizem que, na construção de sua representação do duelo, Caldre e Fião utiliza-se das informações correntes sobre a prática dos confrontos nas cidades dos oitocentos. Era comum ter locais que eram escolhidos pelos duelistas, determinados terrenos que ofereciam alguma discricção e condições espaciais para a luta, eram comuns bosques próximos das cidades, fundos de igrejas e cemitérios. Também, a referência de que um dos amigos vai avisar o chefe de polícia, é em razão da proibição vigente desde os tempos coloniais das práticas de duelos, era considerado um crime

lesa-majestade, ou seja, contra a honra do próprio imperador. O amigo considerou que seria melhor a punição com alguns dias de cadeia para os amigos, que a possibilidade concreta de um matar ao outro.

Os dois combatentes encarniçados lutaram por muito tempo sem vantagem; até que Giacopo, conhecendo o valor do seu adversário, e que não seria fácil decidir-se o combate, exclamou:

- À pistola!!...

- À pistola! Exclamou o outro. Eu as trago comigo!... aqui está a vossa.

Ambos se dispuseram; afastaram-se, e postaram-se em nova atitude de combate (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

O confronto estava equilibrado e como o duelo precisa, em princípio, de um vencedor, é possível estão os duelistas de acordo com a substituição das armas. Desta forma passaram para as pistolas, que ao contrário da imagem fixada pelo cinema norte-americano – de dois duelista sacando de suas armas ao mesmo tempo, vencendo o mais rápido e certo –, estabelecia que os opositores se colocassem frente a frente a uma distância determinada e esperassem imóveis a vez do outro disparar a pistola, logo após a situação se invertia. Martinho em um ato de desprendimento e coragem, cede a precedência no primeiro disparo à Giacopo,

- Atirai, disse Martinho; pertence-vos a iniciativa, porque escolhestes esta arma.

Giacopo fez um aceno com a cabeça; apontou, e atirou ao seu contrário; a bala passou meia polegada acima do ombro esquerdo de Martinho, e foi penetrar no paredão do palácio da presidência. Giacopo tremeu, e com uma convulsão de lábios balbuciou:

- A vós!... toca-vos o atirar.

Martinho fechou os olhos, e disparou a pistola sem fazer pontaria (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

São frequentes os relatos dos duelos cavalheirescos em que os tiros são disparados para o alto, sem intenção de ferir o oponente. Tal situação se dava devido ao entendimento de que bastava entre homens de honra colocar-se de peito aberto frente à

uma pistola para provar a sua coragem e resolução. Assim como muitos duelos acabavam nos primeiros ferimentos que vertessem sangue, quase sempre com a enunciação da conhecida sentença: “um gota de sangue de um homem honrado é suficiente para retirar as nódoas da ofensa”. Mas parece que o artifício de não fazer mira, para salvar o amigo, tinha dado errado,

A voz do seu coração lhe tinha gritado que salvasse o seu amigo. Giacopo tinha sido salvo!... Mas a bala, tomando a direção diversa foi atravessar o coração de um homem que assomava no caminho da ladeira que conduz à rua do Arvoredo.

O homem caiu por terra, dando um gemido de morte!...

- Meu Deus!...exclamaram ambos; estamos perdidos!...

Levados pelo impulso violento deste novo desastre estenderam-se os braços e juntaram seus peitos, cujos corações convulsavam de terror.

- Que desgraça!...balbuciarão ambos; estamos perdidos!!.. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

Caldre e Fião, que é contrário ao emprego da violência, dos duelos de sangue e da prática da vingança, aproveita para criar uma situação em que, mesmo sem a intenção, os duelistas haviam atingido um inocente. A culpa e a consciência, destes dois homens honrados, deveria corrompê-los, essa era uma das maiores punições dentro do sistema de Caldre e Fião. Mas, como bom seguidor das leis do Império, isso só não bastava, eis, então, que chega a polícia,

Neste momento uma escolta de permanentes e alguns soldados da guarda do palácio apareceram do lado direito da casa da assembleia, e ficaram suspensos a esta cena de reconciliação tão pronta.

- Dois tiros!...disse o sargento comandante; mas nenhum morreu. Valha-nos isso... – Soldados! prendei-os...

- Está morto!!!...exclamou Giacopo; fui eu o assassino...

- Não! Disse Martinho; fui eu!

- Quem? Perguntou o sargento; quem morreu?

- Um desgraçado, disse Martinho; um homem que nós não conhecemos!... – O acaso dirigiu a minha bala contra o seu peito; mas eu não queria... oh! crede que foi contra minha vontade.

- Sr. Comandante, disse Giacopo, o meu amigo vos está enganado; não foi a bala dele; foi a minha.

- Vai, soldado! Disse imperiosamente o sargento a um dos seus; vê se o homem está morto, e traze-me! – Dois assassinos? dois ladrões infames!! Por minha vontade, amanhã seriam passados pelas armas! Infame canalha!!! É por causa destes amaldiçoados que nós andamos sobrecarregados de serviço!... patrulhas de noite; reforços de dia; e guarda a dia e meio de folga.

Enquanto o sargento vociferava estas palavras, um dos soldados puxou de uma corda que trazia na copa da barretina, e começou a querer amarrar Giacopo (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

Novamente, o caráter honrado dos duelistas aparece, quando indagados de quem era o tiro os dois se dizem autores do disparo. Ser desprendido, ter coragem são características de um homem honrado. Já o sargento da guarda não reconhece o código de honra como válido, ele não tem um comportamento honrado, os trata como criminosos comuns, como ladrões. E, como tais, os manda amarrar. É quando Martinho se revolta e diz,

- Olá, camarada! disse Martinho; estamos presos, debaixo da justiça do nosso país! Deixai-vos de nos querer amarrar: nós não somos quilombolas! Vede bem; é aos negros fugidos que se trata desta maneira.

- Cala-te, matador!!!...

- Protesto contra estas injustiças! Disse Martinho, em minhas petições hei de alegá-las ao ministro que tem de julgar a minha causa.

- Vai fazer estas alegações lá na força!!!...

- A força! Balbuciou Giacopo; oh!... Nunca!!!

- Cala-te! Disse o sargento reparando nisto. – Soldados! Amarraí este dois ladrões!... (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 109-112).

Um homem de honra não precisa ser amarrado tal qual o mais baixo dos membros da sociedade brasileira do século XIX, o escravo africano, bastava a sua palavra de que respeitaria a voz de prisão e se sujeitaria à prisão. Reclama e avisa que vai acionar o

juiz, este sim deve conhecer os códigos de honra que sustentam os altivos sul-rio-grandenses.

Só para não ficarmos sem saber o final da história do duelo, após um pequeno tempo de prisão, mais um período maior aguardando o julgamento, os duelistas, em um lance inesperado – o promotor descobre que a vítima era na verdade um assassino contratado por Vanzini para matar Martinho –, são inocentados do crime. Apesar de proibido pela lei brasileira, os duelos eram mais frequentes que imaginamos e, raramente, produziam condenações maiores aos praticantes.²

O episódio do duelo de *O Corsário* serve para, mais uma vez, Caldre e Fião apontar seu modelo de homem honrado, que é respeitador das leis do Estado, das cristãs e, sobretudo, respeitador da vida humana. Os valores iluministas são reforçados nas preleções que seguem o episódio.

Mas apesar de sua pregação contrária, acredita-se que a prática, em virtude da proibição da lei, e respeitando que um sistema de valores nunca é um código homogêneo e fixo de princípios abstratos imutáveis, teve muitas adaptações para que fosse praticada entre os sul-rio-grandenses para a resolução de seus conflitos de honra.

Referências

BOURDIEU, Pierre. A Força da Representação. In: BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. La force de la représentation. In: BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1981.

² Além dos duelos, chamados aristocráticos, outras formas de confrontos violentos eram costumeiros nas questões de honra no Rio Grande do Sul. Só para exemplificar, Chasteen, analisa os duelos com facas travados por gaúchos na fronteira Brasil-Uruguai, no período que seguiu o término da guerra da Cisplatina, usa farta documentação judiciária e policial, e discute a importância da defesa da honra para a cultura dos homens da fronteira. Conclui que a honra é um dos bens mais importantes para estes gaúchos e a afronta pública só pode ser sanada pela resolução pessoal, violenta e mortal. É um estudo que ganha maior importância ao focar indivíduos pouco estudados na nossa historiografia – os gaúchos pobres da Campanha; ver CHASTEEN, 1990, p. 47-64.

- CALDRE E FIÃO, J. A. do V. **O corsário**: romance rio-grandense. Rio de Janeiro: Typographia Philantrópica, 1851
- CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **A divina Pastora**. 2ª ed. Porto Alegre: RBS, 1992.
- CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **O corsário**: romance rio-grandense. Porto Alegre: Movimento, 1979, p. 89.
- CESAR, Guilhermino. Introdução e Cronologia Biobibliográfica. In: CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **O corsário**: romance rio-grandense. Porto Alegre: Movimento, 1979, p. 5-32.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural - Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro : DIFEL/Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: **Estudos Avançados**. São Paulo, USP, n. 5, v. 11, Jan-abr. 1991.
- CHARTIER, Roger. Writing the practices. **French Historical Studies**, v. 21, n.2, p.255-264, 1998.
- CHASTEEN, J. C. Violence for Show: Knife Dueling on a Nineteenth-Century Cattle Frontier. In: JOHNSON, L. L. (ed.). **The Problem of Order in Changing Societies: Essays on Crime and Policing in Argentina and Uruguay, 1750-1940**. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1990, p. 47-64.
- CHAVES, Flávio Loureiro. Um texto resgatado. In: CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **A divina Pastora**. 2ª ed. Porto Alegre: RBS, 1992, p. 237-259.
- GINZBURG, Carlo. **El juez y el historiador. Acotaciones al margen del caso Sofri**. Madrid: Anaya & Mario Muchnik, 1993.
- GINZBURG, Carlo. **Representação: a palavra, a idéia, a coisa**. In: GINZBURG, Carlo. **Olhos de Madeira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- HARTOG, François. **O Espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A Construção da Diferença: cidadania e exclusão**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade / UFRGS, 1999.
- PITT-RIVERS, J. Honra e posição social. In: PERISTIANY, J. G. (org.). **Honra e vergonha: valores das sociedades mediterrâneas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988. p. 18.
- REVERBEL, Carlos. Traços biográficos de Caldre e Fião. In: CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. **A divina Pastora**. 2ª ed. Porto Alegre: RBS, 1992, p. 237-259.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

STONE, Lawrence. The revival of narrative: reflections on a new old history. **Past & Present**, Oxford, v.85, n.1, p.3-24, 1979.

VILLAVICENCIO, Herminio Nuñez. Narración histórica y narrativa literaria, una cuestión posmoderna. **Ciencia Ergo Sum**, Toluca, v.14, n.1, 2007.